

Sob o signo da esperança

57
Benício Tavares

Brasília nos seus 33 anos de existência é uma cidade que atingiu a maturidade e passou a enfrentar problemas semelhantes aos de outras metrópoles brasileiras, colocando em xeque a utopia dos que a construíram no início da década de 60, num gesto de grande ousadia.

Tais problemas, contudo, não são empecilho a que se festeje a data com muita alegria e otimismo. Antes de sinalizar para o fim de um sonho, eles constituem um desafio a ser enfrentado com muita garra e fé em dias melhores não só para a capital, mas para todo o País.

Brasília nasceu sob o signo da esperança. Uma cidade planejada para ser modelo, com uma concepção urbanista arrojada e uma imanescente preocupação com a qualidade de vida de seus habitantes. Hoje, como qualquer outra urbe do Brasil, a capital so-

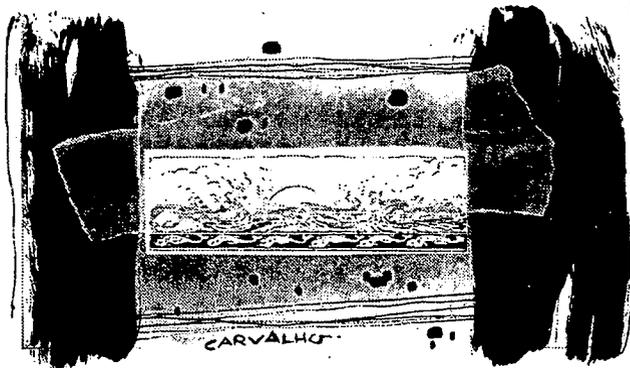
fre com o desemprego e a pobreza, que a beleza do Plano Piloto não consegue mais esconder e cuja face mais cruel são os menores abandonados em busca de sobrevivência nas ruas.

Os limites do traçado da cidade transformaram-na em um dos mercados imobiliários mais disputados do planeta, onde o metro quadrado de área construída custa perto do dobro do que é comercializado em Miami. A classe média amarga aluguéis exorbitantes e uma oferta pequena, que a empurra para as

idades-satélites, ainda carentes de infra-estrutura condizente com seus anseios de moradia.

O Governo do Distrito Federal, de seu lado, conta com uma margem de manobra cada vez mais reduzida para atender, até, as necessidades básicas da população, como educação e saúde. Esse problema é decorrente da gradual redução dos repêses de recursos federais para o DF, e também dos entraves que a própria Constituição do Brasil coloca para sua autonomia financeira.

Seria impossível colocar neste espaço todos os problemas que Brasília enfrenta. Há que se falar, tam-



bém, numa profissão de fé no futuro da cidade, nas soluções possíveis e no que já tem sido feito para combatê-los.

Uma participação maior do Distrito Federal nos fundos dos estados e dos municípios, ou a criação de um fundo próprio, pode resolver os problemas de caixa do governo local a partir da revisão constitucional. Independentemente dela há bandeiras a serem empunhadas no sentido de fortalecer a economia própria do DF.

O desenvolvimento econômico

deve estar na produção de bens por pequenos e microempresários, na tecnologia de ponta — um caminho apontado pela Lei Orgânica a ser promulgada em maio — e/ou no turismo, tão mal explorado, a começar pela ausência de infra-estrutura de lazer em nossos hotéis.

O emprego de menores no cultivo dos jardins da cidade, o projeto Águas Claras — uma alternativa de moradia para a classe média — e o Metrô, que, além de solucionar o problema de transporte dos habitantes das cidades-satélites ao sul do Plano Piloto, vai atrair empreendimentos empresariais de vulto para Brasília, são algumas das medidas já em execução.

A Câmara Legislativa, junto com o GDF ou por meio de iniciativas isoladas, tem trabalhado no sentido de ordenar o crescimento de Brasília, abrindo novas oportunidades de expansão econômica e de ocupação de seu território, sem comprometer o traçado urbano que transformou a capital do País em exemplo de arrojo e criatividade.

A Lei Orgânica será o grande presente que a instituição vai dar a Brasília, sedimentando sua autonomia política conquistada com a criação da Câmara Legislativa, há pouco mais de dois anos. Na Carta Magna do DF estarão traçadas diretrizes administrativas, sociais e econômicas, fornecendo a linha mestra que faltava para a cidade orientar seu crescimento e clarificar sua vida institucional.

Sem medo de estar incorrendo num otimismo infundado, temos tudo para gritar, de peito aberto: Parabéns Brasília!

■ Benício Tavares é presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal

CORREIO BRAZILIENSE

3 ABR 1993